



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
CURSO DE TEATRO LICENCIATURA**

**UM EXPERIMENTO COM TEATRO DE ANIMAÇÃO NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

SILVANO ÁDISON DA SILVA

Maceió - Alagoas

2023

Silvano Ádison da Silva

**UM EXPERIMENTO COM TEATRO DE ANIMAÇÃO NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito para obtenção do grau no Curso de Teatro
Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas.
Orientador: Prof. Dr. Ivanildo Lubarino Piccoli dos
Santos

Maceió - Alagoas

2023

Catálogo na Fonte

Universidade Federal de Alagoas Biblioteca Central

Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário Responsável: Valdir Batista Pinto CRB - 4 – 1588

S586 e Silva, .Silvano Ádison da.

Um experimento com teatro de animação no ensino fundamental/ Silvano Ádison da Silva – 2022.
53 f.: il.

Orientador: Ivanildo Lubarino Piccoli dos Santos.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes. Maceió.

Bibliografia: f. 49-51.

1. Teatro de bonecos. 2. Mascaras 3. Fantoches. I. Título

CDU: 792.97

DEDICAÇÃO

Dedico este TCC primeiramente à minha mãe, Ancelma Luiz da Silva e a meu pai, Severino Victo da Silva que foram a base da minha vida, me dando educação e incentivo aos estudos. Aos meus irmãos Sivanildo Anderson da Silva e Sivonaldo Alisson da Silva, pela força e parceria. Ao meu amor Jeyssi Luiza Nascimento Santos que tanto esteve ao meu lado e teve que me ouvir contar histórias e vivências deste processo, te amo muito.

Ao Dr. Lubarino Piccoli, uma inspiração, um mestre fabuloso e um pesquisador incrível. Ao Dr. José Acioli, por todo o incentivo na vida e na arte, guardo muitos ensinamentos passados em suas aulas. A Universidade Federal de Alagoas que me moldou e me fez chegar até aqui. E ao curso de Licenciatura em Teatro, vida longa!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma experiência pedagógica envolvendo bonecos Mamulengos no ensino infantil, visando os benefícios cognitivos e de relação em equipe no ambiente escolar. O método utilizado foi a pesquisa de campo, com coleta de dados a partir da realização de uma oficina de teatro de Mamulengos. Foi utilizada como base para análise dos dados, os trabalhos do professor Dr. José Acioli Filho, onde ele utiliza a abordagem multirreferencial. Os resultados indicam que a oficina de teatro de Mamulengos pode ser uma ferramenta valiosa na educação infantil, promovendo habilidades cognitivas, criatividade, habilidades sociais e competências socioemocionais.

Palavras chaves: bonecos mamulengos, educação infantil, teatro, experiência pedagógica, abordagem multirreferencial.

ABSTRACT

The aim of this work is to conduct a pedagogical experiment involving Mamulengo puppets in early childhood education, with a focus on cognitive and teamwork benefits for all students in the school environment. The research method used was field research, with data collection through the implementation of a Mamulengo theater workshop. The works of Professor José Acioli Filho, which utilize a multi-referential approach, were used as a basis for data analysis. The results indicate that the Mamulengo theater workshop can be a valuable tool in early childhood education, promoting cognitive skills, creativity, social skills, and socio-emotional competencies.

Keywords: Mamulengo puppets, early childhood education, theater, pedagogical experiment, multireferential approach.

Sumário

VIVÊNCIAS PESSOAIS E APRENDIZADOS	9
INTRODUÇÃO	13
I CAPÍTULO.....	15
1.1 Conversa de Mamulengo.....	15
1.2 Tetro de animação como prática pedagógica	22
II CAPÍTULO - DESENVOLVIMENTO DA OFICINA COM OS ALUNOS DO 1º ANO	28
Primeira Aula da Oficina.....	31
Segunda Aula: Produção do material para o início das oficinas de bonecos.	32
Terceira Aula: Continuação da moldagem dos bonecos.....	35
Quarta Aula: Secagem e detalhes finais da face	37
Quinta Aula: Finalização da primeira etapa de moldagem.....	39
Sexta Aula: Pintura.....	40
Sétima aula: Apresentações e jogos de improviso.....	44
CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	50
Lista de Figuras.....	52
ANEXO I – Receita da massa de papel “machê” caseiro	53

VIVÊNCIAS PESSOAIS E APRENDIZADOS

Nasci em Santa Cruz do Capibaribe, cidade do interior de Pernambuco, mais precisamente localizada no Agreste do Estado. Foi fundada em 29 de dezembro de 1953. De acordo com o último levantamento do IBGE em 2021, a população da cidade é estimada em aproximadamente 111.812 pessoas.

Vivi intensamente minha infância nos anos 90 no Agreste e nesta época o computador não era muito popularizado. Meu pai não tinha dinheiro para comprar ingressos para irmos a teatro, circo ou cinema. O que muito atraía eu e meus dois irmãos, Sivanildo e Sivonaldo, era o que acontecia esporadicamente em feiras livres e festas da igreja, ou seja, a cultura popular local. Meu primeiro contato com a arte popular de teatro de bonecos, assim como me recordo, foi na rua. Sendo nas festas de padroeiro da cidade onde havia grande recorrência de linguagens de arte de rua e teatro de animação. A festa de São Miguel que ainda hoje atrai grupos e artistas da região que viajam com suas apresentações. Não apenas artistas da linguagem do teatro, a festa trazia artistas de várias linguagens, mágicos, malabaristas e artesãos.

Uma atração marcante da época no fim dos anos 90 foi a “Monga”¹, muito popular que trazia em sua narrativa a transformação de uma mulher em um macaco, na frente dos olhos do povo. Se utilizando de um truque de ilusão de ótica com vidro, gerava pânico entre as crianças e atraía os curiosos. Essas e muitas atrações abrilhantaram as festas noturnas da cidade.

A festa popular de rua recebe artesãos de várias regiões, brinquedos e parques de diversão. Mostras de boneco e de teatro de animação, isso nos anos 90, até o início dos anos 2000. Mais ou menos nessa época que vi nas festas as atrações de bonecos Mamulengos, depois ficou escassa. Após esse ano, começaram a ser menos frequentes as apresentações nas festas de setembro. Daí começaram a aparecer Mamulengos nas feiras de fruta e feiras livres. Mas era raro e sem divulgação para a comunidade.

Tenho em minha lembrança essas marcantes apresentações, não me recordo bem dos roteiros, mas lembro dos amontoados de crianças se aproximando e eu também, procurando achar o melhor lugar para assistir apresentações. Memórias como essas nutrem o meu desejo de buscar mais sobre esse fenômeno da cultura popular.

Após alguns anos, em 2010 eu termino o ensino médio já flertando com o teatro, criei junto com amigos a Cia Entra em Cena, grupo que era formado por ex-alunos da escola

¹ Uma das mais famosas ilusões de ótica de todos os tempos, conhecida no Brasil como a “casa de Monga”, foi originalmente denominada em inglês de Pepper's Ghost, (o fantasma de Pepper) em referência ao Professor John Henry Pepper (1821-1900) da London's Royal Polytechnic Institution. Alexandre Medeiros escreve sobre o fenômeno físico em *A História e a Física do Fantasma de Pepper*. Esta obra aborda a importância das ilusões de ótica no ensino da Física.

Dinâmica, incluindo eu, Bruno Rafael, Jorge Luis, Larissa Bezerra, Everton Marques e Wemerson Ferreira (Jesus). Durante os anos de 2010 até 2013 apresentamos peças de teatro dos Melhores do Mundo, Ariano Suassuna e Durval Cunha. Após esse período, iniciamos uma nova fase no grupo, a Cia agora se chamava Só de Deboche, numa formação central que incluía eu, Jesus e Dalva Shark. Nesta fase apresentamos textos de Lourdes Ramalho, peças autorais, “As Crônicas do Reino de Escracha” (2016), “E o Palhaço Quem é?” (2017) e “Os Malassombros da Botija” (2020). Desde 2013 a Cia Só de Deboche está ativa no movimento teatral de Santa Cruz do Capibaribe.

O que mais me fascinava em fazer teatro era o riso, os elementos do cômico me atraíam. Lembro que em 2009, apresentando a peça O Santo e a Porca, texto de Ariano Suassuna, enquanto encenava o personagem Pinhão, sai da cena para as coxias e senti uma energia muito forte e boa, desejei nunca mais deixar de fazer teatro, e desde então assim se sucedeu.

Em 2017 ingressei na Universidade Federal de Alagoas e pude conhecer mais sobre teatro no curso de Licenciatura em Teatro da UFAL. Foi lá que vi mais a fundo os elementos do risível, nas disciplinas de circo, sendo aluno do professor Ivanildo Piccoli, conhecendo suas aulas e oficinas, podendo experimentar as linguagens circenses, foi uma experiência muito incrível, onde pude aprender mais sobre esse tema que há muito me interessava.

Foi na universidade também que pude ressignificar o teatro, podendo aprender com os erros que cometia. A minha prática teatral era burguesa, eu preferia estar em um espaço fechado cobrando ingressos para que as pessoas pudessem assistir aquela caixa com atores revivendo clássicos e contando histórias absurdas.

Na universidade me encontro com outras ideias e autores do teatro contemporâneo, Augusto Boal (1931-2009) e textos de Brecht (1898-1956) e percebo que o teatro vai além do puro entretenimento. Percebi que as técnicas de teatro podem mudar a vida e o pensamento de uma sociedade, impactar em uma dialética do real. Boal diz que o teatro é uma arma para o povo, Brecht afirma que o teatro é uma ferramenta pedagógica eficaz. Assim eu pude entender as formas de se fazer teatro contemporâneo e dar seguimento aos meus estudos sobre esse assunto de uma maneira mais consciente com a realidade em que eu vivia.

Logo, na universidade pude conhecer o Dr. José Acioli Filho², professor de Teatro de Animação e de outras disciplinas na UFAL, além de fundador do projeto de pesquisa em teatro

² O Dr. José Acioli Filho foi professor assistente do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes-ICHCA, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Foi Cenógrafo, Figurinista, Artista Visual e Bonequeiro. Graduado em Educação Artística - Artes Plásticas, Doutor em Ciências da Educação. Acioli foi singular no seu ensino influenciando vários alunos da graduação do curso de Licenciatura em Teatro da UFAL

o LATA³. Até então uma das pessoas mais fantásticas que pude presenciar ministrando aula. José Acioli Filho trazia em suas aulas a riqueza da cultura popular, elemento de estudo e de foco em suas pesquisas, um dos mais fascinantes pesquisadores da academia. Trazia a razão ideias geniais quando falava, quebrava tabus e preconceitos, facilitava nossa relação com a universidade nos tratando como um amigo, companheiro de ideias e cúmplice artístico. Acioli era parceiro de mestres e artistas fora dos muros da universidade, era uma pessoa querida. Foi uma das grandes perdas que tive durante o meu percurso na universidade.

Das mais importantes disciplinas que tive com ele, Teatro de Animação marcou bastante. Nessa disciplina pude aprender o processo de fabricação dos bonecos Mamulengo, (método que utilizo nesta pesquisa) foi uma disciplina que mexeu comigo e me trouxe um grande desejo de estudar mais a fundo teatro de animação e o Mamulengo.

A importância da academia em minha vida é gigante, na universidade pude destruir preconceitos que eu tinha, pude olhar para a vida com mais sabedoria e assim continuo. Sou muito grato a todos que fizeram parte da UFAL, toda equipe de trabalhadores, professores e secretários. A universidade é capaz de realizar uma ressignificação do mundo na nossa vida. Principalmente para as pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social, e não podem pagar por um curso em ensino superior. Não existem palavras e nem comparações para definir o grau de alta qualidade que o ensino público das universidades federais proporciona. Há muita coisa a melhorar, sempre, mas o poder de proporcionar um ensino de qualidade e gratuito para população é imenso, e produz mudanças significativas nas populações de baixa renda e em toda sociedade.

A educação pública sana os problemas da sociedade, através do ensino e da educação que avançamos na tecnologia, na medicina e na proporção de melhor qualidade de vida, por exemplo. A manutenção de uma educação pública de qualidade é um dever e uma prioridade. Principalmente nos dias que vivemos, pós-covid-19. Percebemos o quão é importante ter uma equipe de pesquisadores na área, que possam trazer a todos o conhecimento do que estamos lidando, combatendo notícias falsas, que podem ser muito prejudiciais. Não foi um momento fácil para atravessar a pandemia, mas nos dava esperança ver que a pesquisa brasileira estava lutando com todo o conhecimento que tinham para criar uma vacina e remédios. Muito do que se põe em discussão na mídia sobre a educação pública é para tirar autonomia das instituições, pois o desmonte da educação pública favorece a iniciativa privada, que quer formar apenas pessoas que têm poder aquisitivo. A educação de qualidade deve chegar às camadas mais pobres

³ Grupo de Pesquisa Laboratório de Teatro de Animação, LATA-ICHCA/UFAL.

da sociedade, para uma nação melhor e para destruir preconceitos e mentiras espalhadas com intuito de apenas destruir a identidade de um povo. Hoje sou muito grato a UFAL, às políticas públicas, a todos os professores que lecionam na instituição.

INTRODUÇÃO

A pesquisa com Mamulengo na educação foi necessária, pois ao estar inserido no campo, quando ainda era estudante tive a oportunidade de lecionar no projeto do PIBID⁴, em 2019 por algumas escolas de Maceió, e percebi a falta de experiências de criação artística, onde os alunos pudessem desenvolver habilidades no tocante a arte teatral.

Tendo em vista que arte não é um componente central no sistema educacional do Brasil, é notória, ainda que mesmo desvalorizada, a arte consegue cumprir um papel de melhora na qualidade de vida dos estudantes assim como as relações e o meio em que eles estão inseridos. Partindo deste ponto, que foi decisivo para ir adiante, buscando entender e encontrar formas lúdicas para o ensino, me veio a ideia de colocar em prática a oficina de bonecos de Mamulengo, que aprendi em Alagoas. Através dos estágios que já realizava em algumas escolas, acabei optando por realizar a pesquisa na cidade de Araraquara-SP, no bairro Iguatemi, na Escola Estadual Luisa Rolfsen Petrilli, com uma turma de 1º do ensino fundamental.

A pesquisa com a oficina de bonecos de Mamulengos na educação dos anos iniciais possibilitou uma análise de como se dão as relações educacionais com as crianças e como elas se envolvem em ambiente de artesanato entre processos artísticos.

Sabe-se que um dos problemas da pedagogia não está somente nos problemas cognitivos de cada aluno, mas também nas relações que eles constroem entre eles e como eles desenvolvem a empatia, o afeto e a união. Isso contribui para o aprendizado, mas como podemos chegar a um ambiente onde os alunos possam demonstrar empatia com o colega e contribuir para um ensino que tenha qualidade de vida, cooperatividade e harmonia?

Foi necessário ser compreensível diante das dificuldades e repensar as dificuldades e precarização do ambiente escolar, adotando assim medidas para driblar estas dificuldades e fazer acontecer a pesquisa.

No primeiro capítulo vou fazer uma breve análise do cenário e desenvolvimento do Mamulengo nos últimos anos, mais focado em suas reverberações no Nordeste, mais precisamente em Pernambuco, levando em conta a pesquisa de Borba Filho e da Débora Silva de Azevedo. Vou descrevendo a importância do Mamulengo na cultura e sua relevância na cultura do país. Concluo com uma rápida reflexão sobre os caminhos do Mamulengo no contemporâneo.

⁴ PIBID – (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). O programa oferece bolsas de estudo para estudantes de graduação interessados em ensinar e que desejam participar de projetos educacionais em escolas. O objetivo é proporcionar aos futuros professores uma experiência prática em sala de aula, além de contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica.

No segundo ponto do primeiro capítulo falo sobre abordagens que me ajudaram na pesquisa e como a oficina e o teatro de Mamulengos pode contribuir significativamente na educação. Para isso eu pego como referência principal o professor José Acioli Filho e o seu trabalho onde ele busca demonstrar como a abordagem multirreferencial pode ajudar na construção e concepção do teatro de formas animadas.

No segundo capítulo vou descrever como foi a pesquisa e mostrar a rotina de trabalho com os alunos. Dividi a atividade em que eles põem a mão na massa em dias, sendo no total de 5 dias de trabalho de artesanato até a conclusão.

Na conclusão eu foco nos resultados obtidos na prática. Pude perceber que apesar dos erros, a oficina tem o seu potencial e é lá onde eu destaco os pontos positivos e negativos da atividade concretizada.

A pesquisa busca a reflexão e a integração dessa técnica na área escolar, sendo este um grande desafio.

I CAPÍTULO

1.1 Conversa de Mamulengo

Neste capítulo pretendo trazer uma breve descrição do movimento artístico do Mamulengo no Nordeste e o que ele representa na contemporaneidade, para posteriormente, ao final deste capítulo, seguirmos entendendo em que consiste essa prática teatral.

Encontrei nas pesquisas de Borba⁵ (1930-1994) e Azevedo⁶, uma descrição da prática do Mamulengo muito contundente. Sendo *Fisionomia e Espírito dos Mamulengos*, do primeiro, e *Nas Redes dos Donos da Brincadeira: Um estudo do Mamulengo na Zona da Mata Pernambucana* da segunda.

Por isso escolhi destacar essas pesquisas, pois elas descrevem facilmente os elementos e os traços mais preciosos para identificarmos a “*brincadeira*” do Mamulengo para depois entendermos o porquê essa arte é tão importante para a cultura popular e como ela pode preservar o brincar como método de ensino.

Sendo assim, o Mamulengo, segundo o IPHAN⁷ (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Brasil), “*é uma tradicional brincadeira, com origens no hibridismo cultural, durante o período de colonização do Brasil.*” Uma definição abrangente, mas real de sua origem, que remonta, no entanto, a identidade de vários povos do passado.

Quando falo em povos, devemos levar em conta as matrizes culturais que constituem a nação brasileira, que são, indígenas, africanas e européias. O hibridismo nesse caso, se mostra com a mistura da cultura dessas matrizes no sentido filosófico, religioso e social, então muito se utilizou da cultura destes povos e de suas pluralidades, que em suma preservavam a rica variabilidade cultural no linguajar popular propagando conhecimentos diversos de forma oral.

“...à originalidade e tradição dessa expressão cênica, repassadas de mestre para discípulo, de pai para filho, de geração para geração. Uma tradição que revela uma das facetas da cultura brasileira, onde brincantes, por meio da arte dos bonecos, encenam histórias apreendidas na tradição que falam de relações sociais estabelecidas em um dado período da sociedade nordestina e de histórias que continuam revelando seu cotidiano, através dos novos enredos, personagens, música, linguagem verbal, das cores e da alegria que são inerentes ao seu contexto social. (IPHAN, 2014)

⁵ Borba Filho iniciou sua carreira artística em meados da década de 1950 e, ao longo de sua trajetória, desenvolveu uma obra diversificada que inclui pinturas, desenhos, gravuras e esculturas. Sua produção artística apresenta forte influência da cultura popular nordestina e da tradição surrealista.

⁶ Mestre em Ciências Sociais Aplicadas (UFRRJ), Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (UFF), Bacharel e Licenciada em Artes Cênicas, com habilitação em Direção Teatral (UFRJ).

⁷ Fundado em 1937, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é uma autarquia federal brasileira vinculada ao Ministério do Turismo, responsável pela preservação, proteção e promoção do patrimônio cultural brasileiro.

O Mamulengo foi considerado patrimônio cultural imaterial em 2015, com muita luta de órgãos e coletivos como a Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB⁸, fundada em 1973 no dia 27 de abril. No mesmo ano foi publicada a primeira edição da *Revista Mamulengo*⁹, que ainda hoje faz a propagação das práticas de teatro de animação no país, divulgando, levando pesquisas, reconhecendo artistas e coletivos dos mais diversos que praticam esta arte. Outras revistas aparecem neste cenário da valorização e disseminação do teatro de formas animadas, a revista *Móin-Móin*¹⁰, A Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina).

A criação de associações e grupos que ajudam a fortalecer o movimento cultural são muito importantes, pois mantém e conserva o saber popular. Reconfigura a prática da modalidade de Teatro de Mamulengos em seu meio, Clorys Daly¹¹, uma das principais participantes da fundação da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, diz que essa arte “é capaz de reunir pessoas e transmitir valores humanos”. Ela ainda diz que a intenção da associação desde o seu início, está atrelado ao seu reconhecimento do teatro de Bonecos Popular do Nordeste como patrimônio cultural do Brasil. Apesar do apoio de pesquisadores do tema, publicando pesquisas variadas sobre o Mamulengo, os mestres e a mestras populares cumprem de forma sólida e edificante o movimento artístico.

O Teatro de Bonecos Popular do Nordeste já foi descrito por muitos autores e são contadas versões de sua origem, ao certo não se sabe dizer quem fundou o Mamulengo, mas muitas são as narrativas do Mamulengo através do tempo no território nordestino. Um das que se destacam em algumas pesquisas é a de que escravos no Brasil Colônia, utilizavam os meios

⁸ Revista MAMULENGO é uma publicação da Comissão de Pesquisa e Formação Profissional da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos/Centro UNIMA Brasil – ABTB-CUB. As opiniões expressas nos artigos são de inteira responsabilidade dos autores. A publicação de artigos, fotos e desenhos foi autorizada pelos responsáveis ou por seus representantes.

⁹ “Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB Centro Unima Brasil Associação Brasileira de Teatro de Bonecos / Centro UNIMA Brasil, também denominada ABTB / UNIMA Brasil, é pessoa jurídica de direito privado, constituída sob a forma de associação civil sem fins lucrativos, sem vínculo político-partidário ou religioso, com autonomia administrativa, financeira e patrimonial, de caráter cultural, social, educativo e ambiental e por finalidade realizar, resgatar, preservar, proteger, fomentar, incentivar, identificar, registrar, pesquisar, valorizar e promover a Arte do Boneco no Brasil, como patrimônio cultural, em todas as suas manifestações.” Disponível em: <https://abtbcentrounimabrasil.wordpress.com/sobre/> Acessado em 15/03/2023

¹⁰ *Móin-Móin Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas* é uma publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, numa ação do Programa de Extensão Formação Profissional no Teatro Catarinense. A revista tem compromisso com a criação de um corpo temático de pesquisa, promovendo estímulo e suporte teóricos para futuras reflexões sobre o Teatro de Formas Animadas.

¹¹ Clorys Daly é uma das principais fundadoras da ABTB ao lado de Eugene E. Daly, Cláudio, Ferreira, Daisy Schnabl, Virgínia Valli, prof. Oscar Bellan, Rogério Bellan, Maria Luiza Lacerda, Eny Lacerda Ribeiro, Danilo Melo, Ângela Daly, Paulo Sérgio Futscher, Verediano Araújo, Carmosina, Araújo, Elza Milward Dantas de Araújo e Francisco Eustáchio Dias.

de se fazer teatro de animação para ridicularizar a criticar os seus patrões. Porém, outras histórias de origem vão surgindo, ainda assim é correto afirmar grande que houve influência e protagonismo negro e rural/periférico no processo de consolidação do Mamulengo.

No entanto, apesar de alguns lugares apresentarem características próprias de suas estéticas teatrais, os personagens se repetem, vivem com o mesmo nome em lugares distintos, usando outras roupas, outra face e outras cores. Muitas vezes as histórias, falam de personagens da inspiração do Mamulengueiro, outras da Cultura Popular, como o Matheus, personagem que também é presente no Boi Bumbá, sendo eles Benedito, João Redondo, Catirina, Cheiroso, Cabo 70, Cangaceiro e Babau¹², que assim como o nome do personagem, pode definir a “brincadeira”. Todos esses fazem parte do grande acervo de personagens do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste - TBPN, alguns inspirados em pessoas que realmente existiram e se tornaram figuras da cultura popular.

Borba Filho escreveu em 1966, “*Fisionomia e Espírito dos Mamulengos*”, sendo um dos mais importantes escritos sobre a pesquisa do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste.

Em várias regiões do Brasil os bonecos continuam uma tradição e uma história tão antigas quanto o homem: Briguela ou João Minhoca em Minas Gerais, também João Minhoca em São Paulo, Estado do Rio e Espírito Santo; Mané Gostoso na Bahia; João Redondo no Rio Grande do Norte; Babau em certas zonas; Benedito em outras; mamulengo em Pernambuco, o único Estado em que se pode acompanhar com mais precisão uma história do seu desenvolvimento até os dias de hoje. (BORBA, 1966 p. 79)

O autor, em sua etnografia, realizou um mapeamento da brincadeira nas regiões de Pernambuco e de outros estados do Brasil. Ele identificou a prática da brincadeira em cidades e descobriu nomes de bonequeiros famosos em seu tempo. Em sua obra, Borba Filho percebe a variabilidade de histórias em suas pesquisas, mostrando uma “efervescência” do movimento do teatro de bonecos itinerante no século XX.

Artistas nordestinos migravam para outros estados e levavam meios de produzir a arte, assim conhecendo outros nomes e meios do teatro de animação. No interior do Nordeste nas na zona rural e em ruas de pequenas e grandes cidades a brincadeira chegava às pessoas, trazendo música, divertimento e teatro para todos.

O mamulengueiro chega, arma sua tenda ao ar livre ou numa sala quase sempre iluminada a candeeiro e o espetáculo se inicia com a participação da platéia. Os bonecos representam suas histórias na maior parte improvisadas, com críticas a pessoas e entidades (...) (BORBA, 1966. p. 94)

¹² Babau pode designar o nome da brincadeira em algumas regiões, mas foi um personagem chamado Dr Babau, que segundo o Borba, foi criado pelo mestre artesão, ator e bonequeiro Severino Alves Dias, na década de 1940 em Pernambuco, Brasil. (p 97, 1966)

O caráter mambembe e aventureiro desses artistas, levava muita alegria às comunidades e às crianças, onde a arte muitas vezes não era acessível. Esses brincantes não se perdiam no entretenimento, como aponta o autor acima, a brincadeira tecia “críticas às entidades” locais. A prática teatral, foi e tem sido, instrumento de modificação social.

Os artistas montavam suas empanadas onde poderiam ter público e onde poderiam ser vistos, mas também expressavam o descontentamento com as injustiças sociais se utilizando da comicidade.

É importante perceber que várias regiões do Brasil também têm registros de praticantes da brincadeira, Brasília, Ceará, Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba, Bahia e Pernambuco são os locais que mais tem registros de práticas do Mamulengo. No entanto, Pernambuco se destaca por possuir um enorme número de praticantes e mestres da arte do Mamulengo no decorrer da história "O primeiro registro efetivo que se tem sobre uma apresentação de Mamulengo data de 23 de dezembro de 1896, em matéria publicada no Diário de Pernambuco". (BROCHADO, 2018 p. 37).

Ademais, Borba Filho evidencia uma geração e busca também registros mais antigos sobre o teatro de bonecos. Sua pesquisa, contém grande excelência poética, mostra detalhes e pinta o retrato do Nordeste de sua época. A busca pela *fisionomia e espírito do Mamulengo* remonta uma vivência real do povo nordestino e dessa arte quando as dificuldades eram tamanhas, a seca, o desemprego e outros, causavam impacto aos artistas, mas não os impedia de realizarem as atividades. Perante as dificuldades financeiras e toda a falta de apoio, os brincantes realizavam e disseminavam a técnica do boneco. Sem necessariamente serem apoiados por órgãos públicos. Neste trecho vemos a descrição de Borba Filho, de um momento apreciando o Mamulengo de Dr. Babau, que foi um famoso praticante desta arte nos por volta dos anos 30.

Num terreiro de arrabalde, à luz de candeeiros, com uma orquestra de cordas, os bonecos do Doutor Babau distraiam e emocionavam uma platéia formada por meninos de pés descalços, carregadores suados, soldados de polícia, mulheres perdidas, calungas de caminhão. Interpretava para o povo os motivos do seu agrado, com o eterno assunto do bem contra o mal. (BORBA, 1966 p. 100)

O Mamulengo era vivo na frente dos espectadores, proporcionando uma experiência teatral muito especial para quem presenciava. Borba Filho deixa o leitor com informações que enriquecem o repertório histórico do registro dos Mamulengos e dos artistas.

Por conseguinte, temos em Débora Silva de Azevedo, autora de “*Nas Redes dos Donos da Brincadeira: Um estudo do Mamulengo na Zona da Mata Pernambucana*” de 2011, traz uma seleção de artistas mamulengueiros de uma *nova geração*.

Sua pesquisa é riquíssima no que se pode pensar do *contemporâneo* do boneco Mamulengo em Pernambuco. Contém relatos de sobreviventes da arte do Mamulengo, artistas que foram os principais entrevistados na pesquisa da Azevedo, onde falaram sobre o hoje e as principais influências em suas vidas no desenvolvimento do ofício da arte “mamulengueira”. Isso no ano de 2011, uma pesquisa contemporânea, que registrou um movimento de uma realidade de uma zona da mata Pernambucana do século XXI, onde os tempos mudaram, assim também como as formas de construir o boneco, os impactos tecnológicos e socioeconômicos.

Em seus relatos de trabalho etnográfico, a pesquisadora se encontrou com vários artistas da Zona da Mata Pernambucana, e numa troca de informações muito importante, proporcionou um belíssimo conteúdo para compreender o movimento contemporâneo da arte realizada por brincantes e mestres. (...) *existem diferenças sensíveis entre os mamulengueiros com os quais tive oportunidade de entrar em contato, tanto na forma de brincar quanto no modo como cada um deles compreende o Mamulengo.* (AZEVEDO, 2011. p. 29).

É possível notar a diversidade da relação do dono com o brinquedo, assim também a construção de novas narrativas a partir do que se entende *o que é a prática* da brincadeira e dessa linguagem teatral, levando em conta a crença de cada um desses artistas, como eles percebem o mundo ou como desejam impactar socialmente o povo. Uma estética própria apesar das influências de fora, esses artistas conseguem dar um novo olhar reavivando as histórias tradicionais do Mamulengo.

Na pesquisa da Azevedo, os artistas relatam muito o “*aprender a brincar*”, esta que seria uma forma para desenvolver uma técnica de manuseio, muitas vezes ligada à manipulação do boneco e a voz das personagens. Essa técnica, compartilhada entre os artistas, foi relatada por Azevedo, é falada como se fosse um dom, o “dom de brincar” que por outros pode ser aprendido.

Sendo assim, a brincadeira é levada pelos mestres e nutre no imaginário popular um acervo de contos e histórias que são costumeiras na cultura popular, sendo este também motor criativo para gerar novas narrativas e promover a formação de novos aprendizes. O teatro de Mamulengos bebe nas referências populares assim como a literatura de cordel que reinventa suas histórias com causos e histórias modernas.

Em contrapartida a todo o rico movimento cultural popular que ocorre, temos a queixa dos artistas na pesquisa da autora, onde os artistas apontam a falta valorização à esta modalidade de teatro. A preferência de algumas prefeituras, segundo alguns entrevistados, é contratar bandas caríssimas e enquanto os artistas locais e diversas áreas vivem passando dificuldades imensas, apesar de tudo, os artistas ainda assim continuam realizando seus trabalhos com

apresentações e artesanato. É um problema estrutural no Nordeste, mas a desvalorização das práticas culturais locais acontece em outras regiões do Brasil também.

Zé Vina¹³ (1940-2021), traz um desabafo e uma denúncia que foi relatada por Azevedo.

Mamulengo no município, o prefeito não bota. O dinheiro que vem pra cultura eles só quer comer e guardar o dinheiro pra banda. Botar banda e pagar banda e a cultura se acabando. Aí é que eu digo, trabalho muito de Mamulengo e gosto do Mamulengo. E aprendi e gosto do Mamulengo e quero passar pros outro. Agora Pernambuco não dá valor à cultura (Zé de Vina, novembro de 2010, Lagoa do Itaenga). (AZEVEDO, 2011 p. 151)

Observando este relato do Mestre Zé de Vina, que foi um dos artistas mais importantes do teatro de Mamulengos do Nordeste. Ele assim como outros entrevistados por Azevedo, sabiam da realidade e da desigualdade que é provocada pelos gestores da cultura dos municípios. Mas está longe de se acabar a irresponsabilidade com a cultura local.

Na pesquisa de Borba Filho, é possível ver o artista itinerante construindo, apesar das dificuldades financeiras e da falta de apoio do seu tempo. Realiza atividades brincantes de forma autônoma, o artista tinha a necessidade de ser visto e precisava estar em apresentações e ganhar seu cachê ou arrecadar dinheiro no famoso chapéu, e talvez este seja o motivo dessa arte sobreviver tanto tempo, a insistência de artistas independente em levar essa prática.

O Mamulengo se tornou acessível graças a esses artistas brincantes que repassaram seus saberes de forma oral e prática. A cultura popular vive, pois já em Azevedo, vemos um panorama com os resultados de tanto trabalho realizado através do tempo por artistas e mestres que deixaram seu legado para os artistas de hoje, vemos o desejo de realizar a prática teatral em frente aos impasses. Novas gerações com artistas dos mais fabulosos surgem reinventando a cena local.

Sendo assim, em Azevedo conhecemos Roseneide dos Santos Ferreira, é a dona do “Mamulengo Neide”, nascida em Carpina - PE. Vários pontos da entrevista cedida por Neide no trabalho de Azevedo, nos ilustram um Mamulengo que transcende sua realidade passada, conservando elementos do passado no seu papel atual. “Na visão de Neide, os mamulengueiros da nova geração também têm algo a ensinar, como por exemplo, técnicas mais aprimoradas de confecção dos bonecos” (Azevedo, p. 142). Além de pontuar as novas formas de se construir o boneco, Neide fala da necessidade de novas narrativas e como os artistas estão escrevendo e compondo novas histórias. Importante também frisar, que temos apenas uma mulher entre os

¹³ Zé de Vina, nasceu em Glória do Goitá, cidade conhecida como a capital estadual do Mamulengo. Foi um influente brincante de Mamulengo a partir da década de 1950, levando suas apresentações para diversos estados do Brasil. Ele é considerado o último dos mestres mamulengueiros da primeira geração, tendo dedicado mais de 70 anos de sua vida a essa arte

artistas entrevistados pela AZEVEDO. Já Borba Filho chega a citar as esposas de Mamulengueiros trabalhando e realizando Mamulengo junto ao marido, só que nenhuma artista mulher é citada por ele como autônoma na prática ou donas do seu próprio brinquedo, não que não tenham existido, mas não foram relatadas por ele em seu trabalho.

No entanto, é possível encontrar pesquisas que enfatizam a importância das mulheres para a tradição do teatro de bonecos, muitas delas eram ativas no trabalho junto aos maridos. Barbara Benatti diz em *Mulheres no Mamulengo, resignificando o preconceito* publicado em 2020 na revista Arte das Cenas¹⁴, que

(...) as novas gerações de brincantes são constituídas também por mulheres, e mulheres preocupadas em fazer adaptações nas piadas ancoradas em opressões de gênero – e raça – para resignificar o humor em seus espetáculos. No discurso e no ânimo, é latente o desejo de subverter o modelo tradicional e criar brincadeiras que reflitam sobre a condição da mulher na sociedade. (BENATTI, 2020. p. 244.)

O novo está se tornando presente nas práticas dos brincantes, uma dialética com discursos que fazem refletir sobre as problemáticas sociais do cotidiano, quebra de preconceitos, machismo, homofobia e racismo. Assuntos como esses se tornam elementos de destaque na construção de novas dramaturgias, são histórias mais preocupadas em realizar a mudança e que sejam mais inclusivas em seu jogo dramático, permitindo uma reflexão além do entretenimento.

Canais do Youtube também surgem como meios para divulgar o novo que a arte do Mamulengo está produzindo, indo de quebra com o acesso restrito a apresentações presenciais, a TV Mamulengo¹⁵, uma iniciativa de Andreisson Quintela, é um exemplo.

O Coletivo Caverna¹⁶ também possui canal no Youtube apresentando várias propostas de espetáculo realizadas por mulheres. Assim também como os principais museus de Mamulengos do Brasil, adotam formas digitais de chegar à população, sendo os mais importantes no Museu do Mamulengo de Olinda¹⁷ e no Museu do Mamulengo de Glória de

¹⁴ “A revista *Arte da Cena* tem como ponto de partida conceitual uma perspectiva policêntrica e dialógica entre campos de estudo da cena, circunscritos no âmbito específico da área da *arte*, em perspectivas verticais ou em transversalidade relativa a outras áreas do conhecimento.” Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/artce/about>>

¹⁵ A iniciativa leva as redes de divulgação de material e debates sobre o gênero teatral. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@TVMAMULENGO/featured>>

¹⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/@coletivocaverna8>> Acesso em 15/03/2023

¹⁷ Conhecido como Espaço Tiridá, o Museu do Mamulengo de Olinda fica no Mercado Eufrásio Barbosa, Largo do Varadouro – Varadouro, Olinda - PE. Eles têm site na internet onde pode-se conhecer mais sobre e até conferir imagens do local. Disponível em: <https://www.olinda.pe.gov.br/museu-do-mamulengo-espaco-tirida-onde-o-ludico-e-a-magia-se-encontram/>. Acesso em 15/03/2023

Goitá¹⁸, e que resgatam e remontam a memória dos artistas que viveram na região e disponibilizam on-line o acesso ao conteúdo de associações, apresentações e oficinas de teatro de animação.

Seja em novas formas de construir o boneco ou na maneira de conduzir os espetáculos e suas narrativas, o Mamulengo se remodela. Percebemos um espaço para esta construção de um novo diálogo do passado com o contemporâneo. Dialética essa que pode nos revelar outros caminhos para que o teatro de Mamulengo possa trilhar diferentes trajetórias ao longo do tempo.

Outro terreno importante é quando a prática de teatro de animação consegue atuar na educação como metodologia pedagógica. O que será destacado a seguir.

1.2 Tetro de animação como prática pedagógica

As formas do uso das técnicas de construção do teatro de animação contribuem visivelmente na educação. E são várias pesquisas que provam a eficácia de diversos métodos de teatro de animação já feitos no Brasil, onde eles alcançam resultados positivos em sala de aula.

¹⁸ É organizado pela Associação Cultural dos Mamulengueiros e Artesãos de Glória do Goitá- PE. Tem um amplo repertório de atividades relacionadas a valorização da prática e apoio a rede de artistas contemporâneos da linguagem. Se localiza na rua Cleto Campelo, S/N (antigo mercado público de farinha) Glória do Goitá. Link: <https://www.facebook.com/museudomamulengo/>. Acesso em 15/03/2023

Sendo assim, escolhi trazer como referência principal para evidenciar tal afirmativa, a dissertação do professor Dr. José Acioli da Silva Filho (1962 - 2021), *“O Teatro de animação - Uma Linguagem Artística Pedagógica nos Processos Criativos com uma abordagem complexa multirreferencial”*, onde neste trabalho o Mamulengo, teatro de Bonecos Popular do Nordeste, se torna um instrumento capaz de contribuir para o desenvolvimento dos alunos no processo pedagógico e cognitivo, “[...] *ajudando-os a desenvolver vários aspectos educacionais principalmente aos que estão relacionados à comunicação e a expressão sensório-motora e uma exploração do mundo que o rodeia [...]*” (Acioli, 2010 p. 66).

A contribuição positiva vai além de uma reflexão por meio de uma prática cênica dramatizada, não sendo somente a execução do jogo teatral para beneficiar o processo de aprendizagem e cognitivo do aluno, mas os meios de construção do boneco, fornecem ao aluno ferramentas e meios de construir e fazer o brinquedo. Colocando o aluno como autor e protagonista no processo criativo.

A abordagem multirreferencial, no trabalho de Acioli, é uma abordagem desenvolvida por Jacques Ardoino¹⁹(1931-2005). Nas palavras de Acioli ela age “possibilitando uma leitura plural, de diversos ângulos, propondo uma diluição de fronteiras disciplinares, a partir de instrumentos teóricos, econômicos, sociológicos, antropológicos, filosóficos.”

A abordagem utilizada e descrita por Acioli em sua pesquisa, destaca os pontos positivos da bricolagem e do uso dela na construção desta linguagem artística no ambiente escolar. Bricolagem é uma palavra que vem do francês, sendo popularizada pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908 - 2009). No francês a palavra tem o sentido de “remendar” ou “consertar” as coisas. Para o autor, a bricolagem é uma prática presente em várias áreas da cultura humana, incluindo a arte, a arquitetura, a culinária e a tecnologia. O “bricoleur” é capaz de criar algo novo a partir de materiais e recursos diversos, combinando-os de maneira criativa e original.

Os meios para se construir a linguagem de teatro do Mamulengo vêm ganhando uma infinidade de possibilidades. Seja utilizando garrafas de plástico e papel machê feito com farinha de mandioca, papelão etc. Sem limites para criatividade, pois a abordagem multirreferencial, possibilita essa leitura, referências diversas para o “fazer” artístico, aplicando

¹⁹ Jacques Ardoino (1927-2015) foi um pedagogo francês conhecido por seu trabalho na psicossociologia e na formação de profissionais da educação. Ele contribuiu para o desenvolvimento da abordagem multirreferencial, que busca integrar múltiplas referências teóricas e metodológicas para a compreensão dos fenômenos sociais e a intervenção prática. Ardoino defendia a ideia de que a complexidade dos fenômenos sociais requer uma abordagem que leve em consideração múltiplos olhares e perspectivas. Disponível em https://pt.frwiki.wiki/wiki/Jacques_Ardoino> acesso em 27/05/2023.

a bricolagem para se constituir o material, temos então um aumento de possibilidades, podendo criar artifícios para a cena de diversas fontes. Embora o Mamulengo original do Nordeste seja comumente entalhado em madeira específica, como o Mulungu²⁰

Sendo assim, é muito importante o que a bricolagem pode proporcionar, a reciclagem e a reutilização de materiais que estão ao nosso alcance para construir os bonecos. Desse modo, tornar e dar consciência aos educandos, provocando a reflexão sobre o mundo que os rodeia prezando pela reutilização de objetos descartáveis, é um dos objetivos alcançados pela inserção dessa modalidade artística na educação.

Essa abordagem engloba múltiplas perspectivas, sendo esta uma maneira que abarca uma quantidade de elementos variáveis que devem ser trabalhados e averiguados no processo pedagógico. Os alunos possuem realidades distintas, sendo assim, a cultura de cada um é levada ao centro das ações em sala, protagonizando momentos ou não, o reflexo da vivência dos alunos contribui para um entendimento coletivo e um compartilhamento de ideias.

Indo mais além de uma conscientização sobre a reutilização dos materiais descartáveis, tenho que destacar também o “brincar”, que muda toda a lógica do trabalho em reutilizar materiais. A brincadeira se torna uma forma de aprender que não obriga nem força os alunos a se manterem em posturas determinadas e ditadas. A possibilidade de brincar e de criar o seu brinquedo vai ampliar e não limitar as intenções criativas dos alunos. Tratando mais especificamente do boneco de teatro de Mamulengos, José Acioli relaciona o brincar com a função simbólica do brinquedo.

O brinquedo simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo de “fala” através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar. A chave para toda a função simbólica da brincadeira infantil é, portanto, a utilização pela criança de alguns objetos como brinquedo e a possibilidade de executar com eles um gesto representativo. (ACIOLI, 2010 p. 75)

Como o autor descreve acima, a importância da expressão artística utilizando o brinquedo é capaz de articular e organizar as funções da fala, a partir da criatividade. Para anos iniciais, é uma prática que pode auxiliar bastante a potencializar o aprendizado ao benefício do processo cognitivo da criança.

A noção de brincadeira relaciona-se às práticas coletivas, pela sua natureza de partilha e pela dimensão de continuidade dos conhecimentos, técnicas e experiências adquiridos e desenvolvidos em processos de longa duração, que compõem aquilo que o senso comum chama de “tradição”. (ALCURE, 2019)

²⁰ O Mulungu é uma madeira macia, geralmente de cor clara, que é facilmente esculpida e moldada pelos artesãos para criar os bonecos de Mamulengo. É uma madeira de fácil manuseio, que permite aos artesãos criar detalhes minuciosos nos bonecos, como expressões faciais, roupas e acessórios.

A oficina de bonecos Mamulengo e sua prática educacional, dá autonomia para que o aluno construa o seu próprio brinquedo, temos então o aluno como protagonista e criador do seu próprio instrumento artístico a partir de uma estética própria.

O processo de construção é muito importante, pois ele desperta nos alunos a intenção do trabalho em equipe, e nesta forma eles aprendem a manusear os instrumentos de construção do brinquedo, e ao mesmo tempo, vão criando nas formas estéticas de construção do mesmo, faces, trejeitos, personalidade e nomes. Tudo é capaz de fluir artisticamente sem o menor esforço do professor, pois para a criança, o ato de poder construir o brinquedo para brincar gera muito mais criatividade e é potencializado, quando durante o processo eles se percebem protagonistas, criando de forma coletiva e colaborando com os outros, sugerindo e compartilhando ideias.

Após a construção do brinquedo temos a ação, o jogo. Neste caso o jogo dessa brincadeira popular é simples e conta muito com a intuição, já que um dos principais elementos da dramaturgia é o improviso.

Dá a brincadeira vai ganhando degraus que o aluno sozinho vai encarando, um deles é a vergonha de representar que é comum, mas isso é logo ultrapassado quando se pensa na apresentação como brincadeira, quando se deixa de pensar a apresentação final como resultado do processo, preocupando-se apenas com o brincar.

Porque a raiz do jogo infantil é a brincadeira de representar o “jogo” como uma brincadeira de oportunidade e de encorajamento gerenciados por uma mente adulta. Com isso, o desenvolvimento e jogo infantil apresentam-se como uma fusão de processos biológicos, sociais e psicológicos de pessoas em interação com a sua cultura e entendimento com a transformação no tempo. (ACIOLI, 2010 p. 76)

A interação da cultura dos alunos gera um encontro de caráter e informações próprias de cada personalidade que se forma ali. É projetado aos bonecos atitudes e desejos de representar, além de acesso a conhecimentos e habilidades que eles possuem, mas não conhecem ainda. É um laboratório artístico, que assim como o Acioli aponta, busca elementos múltiplos, ideias de diferentes cabeças pensantes, que estão ali elaborando e criando de forma livre, e aprendendo a respeitar espaços e o outro, provocando a empatia e o desejo de realizar atividades em equipe.

Para o aluno que cria nada mais curioso e emocionante do que perceber, saindo de suas mãos, a partir de materiais descartáveis, um boneco que, aos poucos ganha forma, cor, aparência, identidade e até uma vida própria. Concretiza-se, assim, a integração entre as diversas linguagens artísticas e estas fronteiras são ultrapassadas, invadindo outras áreas do conhecimento. (ACIOLI, 2010 p. 79)

Quando entramos em terrenos anônimos com métodos de abordagem como o da multirreferencial e da bricolagem, não se dita as regras, elas vêm dos indivíduos que estão no grupo, no que concerne a estética do processo criativo. Acredito que o exercício é viabilizar o que for possível para facilitar o processo de cada um, entendendo que cada indivíduo tem seu tempo e que tem sua forma de ver e de criar.

Pelos estudos do material do professor Acioli, deve-se ter cautela e analisar em campo, tudo com atenção. A criatividade deve ser livre, a expressão só não pode ser permitida quando fere ou ofende algum dos participantes, quando não desrespeita e nem reforça preconceitos, ela é a criatividade ganhando forma com o coletivo com respeito mútuo e harmonia. Cria-se um espaço de aprender com melhor convivência e aprendizado.

Sobre o brincar, deve-se reforçar a importância deste sentido, que é muito utilizado na prática, ainda mais com crianças, pois a palavra brincar para muitos mamulengueiros é o próprio exercício da prática do teatro, como citado anteriormente. Logo, para a criança, o brincar gera outro sentido, que permite à criança mais liberdade criativa.

E é esse potencial de brincar que a atividade proposta pela oficina de mamulengos aborda. Pois o brincar é motor de pesquisa para várias áreas da educação, que provam sua eficácia. Alguns autores reforçam a importância do brincar atrelando a diversos pontos cognitivos de relevância para o desenvolvimento dos estudantes. Para Reverbel (1917-2008), por exemplo, o brincar é uma atividade que envolve a criança como um todo, ou seja, afeta aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais de seu desenvolvimento. A autora ainda diz que a brincadeira é uma forma natural da criança explorar e aprender sobre si e sobre o mundo ao seu redor, podendo ser através do brincar que a criança experimenta e desenvolve novas habilidades, como expressar emoções e estabelecer relações interpessoais. Tornando assim ela capaz de estimular a imaginação, a curiosidade e a reflexão crítica.

Sendo assim, podemos perceber o valor da prática da oficina de teatro de bonecos dentro do ambiente escolar. Como Acioli descreve em seu trabalho e reforça com técnicas e meios que abrem um leque de possibilidades entre os integrantes. A oficina artística consegue obter resultados passando em sua apresentação a sensação do “brincar”. As relações vão se estreitando nesse tempo, os que estão compondo a oficina tem ali vivência, pois a prática desta linguagem divertida, nos faz querer ressignificar o real.

Para crianças vemos impactos positivos, para adultos a oficina pode funcionar de forma terapêutica, reflexão, meditativa e até transcendente, quando se tratando de particularidades ligadas à estética artística.

Essa capacidade de produzir sensações e emoções intensas é o que faz dessa arte uma ferramenta de transformação e transcendência humana. Através da prática do mamulengo, é possível entrar em contato com partes desconhecidas de si mesmo, explorando novas emoções e sensações. Além disso, a arte pode promover mudanças na maneira como se percebe e se compreende o mundo, ampliando as perspectivas e possibilitando novas formas de ação e pensamento.

II CAPÍTULO - DESENVOLVIMENTO DA OFICINA COM OS ALUNOS DO 1º ANO

Neste capítulo vou descrever os detalhes da pesquisa feita em campo na Escola Estadual Luisa Rolfsen Petrilli, localizada na Av. Agnes Gonxha Bojoxhu, 200 - Jd. Iguatemi, Araraquara - SP, 14808-263. A Escola Luisa Rolfsen oferece ensino dos anos iniciais. Tendo turmas do 1º ao 5º dos anos iniciais. A escola havia cerca de 500 alunos matriculados no ano de 2022. Fundada em 19/10/1981 na cidade de Araraquara - SP. Cidade esta, onde Mário de Andrade escreveu a obra literária Macunaíma²¹. Uma cidade com cerca de 240 mil habitantes, segundo o IBGE.

A instituição havia voltado a funcionar com aulas presenciais no ano que realizei a pesquisa, em 2022, e esta retomada trouxe alunos que já estudavam no ensino presencial antes da pandemia, assim como trouxe alunos que não tiveram nenhum contato com o ensino presencial e que conheceram a escola de forma remota.

Não foram dias fáceis, pois a pandemia ainda assolava, deixando alunos debilitados e professores também. O uso de máscara era obrigatório durante as aulas, no primeiro semestre do ano, e no início do processo esta era a nossa realidade.

Havia também grande preocupação pedagógica com os estudantes, pois as avaliações bimestrais já apontavam déficit causado pelos impactos da pandemia nas crianças. Por esse motivo tive problemas em acessar os alunos, pois a coordenação queria os alunos em sala, tendo mais foco nas aulas de matemática e português. Então deixei a pesquisa fluir no tempo dos alunos e com o tempo que tinha em mãos, focando sempre no processo e na vivência e numa apresentação teatral.

Figura 1 - Visão interna



Fonte: Acervo Pessoal. 2022

²¹ Mario de Andrade foi o autor do livro "Macunaíma", publicado em 1928. Ele é um dos principais representantes do movimento modernista brasileiro e "Macunaíma" é considerado uma das obras mais importantes do modernismo no Brasil. O livro conta a história do herói Macunaíma, um personagem mitológico brasileiro que representa a síntese das diferentes culturas e raças do país.

Figura 2 - Imagem Externa



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

O bairro onde a escola está localizada, é um bairro tido como periférico e com parte dos habitantes que estão em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Muitos alunos vão à escola para ter a única refeição do dia, triste realidade notada em campo, e que não poderia passar sem ser comentada aqui. As adversidades são muitas, e essa não é uma realidade apenas desta escola, como sabemos. Várias outras unidades educacionais, não só de SP, mas do país passam por grandes dificuldades vindas da falta de organização política, social e administrativa do governo.

A falta de sala de produção de oficinas de artesanato prejudica muito o desenvolvimento de atividades do meio artístico, um outro problema que parece comum entre a comunidade escolar da região. Sendo assim, encontrei um espaço para realizar a oficina dos bonecos de mamulengo, uma área arborizada onde havia cadeiras de cimento, o espaço parecia agradável para realizar a oficina sem sujar tanto o espaço escolar. Tive bastante cuidado com os alunos na hora da prática. No entanto, o espaço tinha o aspecto de abandonado, áreas mal aproveitadas pela direção escolar.

Figura 3- Espaço aberto para realização de atividades



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

A turma que foi escolhida foi o 1º ano E do ensino fundamental dos anos iniciais. Foi uma turma que percebi que tinha potencial para o trabalho e que a prática poderia trazer resultados positivos junto a didática escolar daquela série. Os pequenos do 1º ano “E”, tinham suas individualidades criativas e muitas necessidades de se expressar, com o corpo, cantarolando, com desenhos e brincadeiras, a partir daí pude entender a turma e pensar meios para atingir o resultado, que seria de forma coletiva e colaborativa,

Decidi aplicar a oficina de bonecos nesta turma e assim entender o que os resultados da oficina. A introdução a prática do teatro de animação e sugestão de desenvolvimento de ideias no plano da criação dos bonecos foi na sala, e muitos já conheciam esta modalidade por “fantoche”, onde alguns comentaram a respeito de ter feito a prática de teatro de animação a partir de dobraduras de papel, meias e com brinquedos. De certa forma eles já tinham vivenciado algo parecido com o Mamulengo, se utilizando de meios diversos para realizar a animação.

Primeira Aula da Oficina

Antes de iniciar a oficina no espaço arborizado e fora das salas de aula, eu fiquei um momento com os alunos em sala, para mostrar e ilustrar as ideias da concepção da oficina, de forma dinâmica e mais didática possível. Sendo assim conversei com eles sobre os fantoches buscando informação e levantando conhecimentos prévios sobre o tema, dialogamos bastante.

Pedi para que imaginassem e desenhassem em uma folha do caderno de desenho, um boneco ou boneca, mas antes pedi que imaginassem um mundo ideal para este tipo de personagem. Um local onde o boneco deles fosse um tipo de super-herói, e tivesse que resolver os problemas que havia naquele mundo. Eles imaginaram e criaram ideias para construir seus bonecos, esse exercício foi para entender a capacidade criativa de cada um deles e perceber como eles pensam um mundo ideal e um mundo ruim. Durante a aula, conversamos sobre o que os seus personagens poderiam fazer para melhorar o dia das pessoas. Tive várias surpresas pelos detalhes que eles criavam nos papéis quando desenhavam os bonecos. Descreviam atitudes positivas, ajuda aos mais pobres, combate à violência e ao crime. Neste jogo eles revelaram a capacidade de criar personagens.

O exercício foi um pontapé para inspirar eles no jogo da criação e foi um ótimo resultado que pude obter. Percebi que alunos conseguiam expressar sua ideia de boneco no desenho, então eles descreviam as ideias que tinham posto no papel e o que a cor indicava, descrevendo simbolicamente a estética do seu esboço.

Percebi neles modos diferentes de criar, esse foi um dos motivos que me levou a escolher uma turma com crianças tão pequenas. A dificuldade motora em crianças de 6 e 7 anos é perceptível, mas a facilidade de entrar no jogo, de criar, de experimentar a arte é bem maior. Com as crianças é mais fácil jogar com o lúdico e assim educar a partir da criatividade. A facilidade deles em se expressar artisticamente é imensa e poderosa.

Segunda Aula: Produção do material para o início das oficinas de bonecos.

Primeiro tive que produzir o papel machê, sendo ele feito de modo artesanal com farinha de mandioca, água quente e cola branca. Com 1 litro de água fervente misturado em um balde com 400 g de farinha. Depois que mexer bem e este líquido ficar grosso, mistura-se cola branca, umas 200 g é capaz de fazer o grude ficar mais aderente.

Ao misturar esse grude com papel higiênico picado, a massa vai ganhando densidade e ficando de fácil controle para modelar, sem cair ao ser colada.

Os materiais desta oficina são de fácil acesso, e por se tratar de materiais descartáveis, como a meia usada facilitam ainda mais serem encontrados.

Figura 4 - Mistura da Água fervente com Farinha de Mandioca



Fonte: Acervo Pessoal. 2022

O processo foi apresentado aos pequenos, e junto com os colegas eles fabricavam a massa do Mamulengo. Sujaram o espaço e eu reforcei a questão da limpeza do ambiente, mas é quase impossível não sujar.

A meia foi preenchida com uma quantidade de terra, ou areia fina, bem limpa e nessa meia, com a as mãos, vamos dar uma forma de uma pequena bola, como se quiséssemos moldar previamente uma forma nessa cabeça de meia e terra. Ela fica em cima do cone de papel higiênico. Como na imagem a seguir.

Figura 5- Moldagem inicial com papel A4



Fonte: Acervo Pessoal, 2022

Alguns não trouxeram o material solicitado, então tiveram que ajudar em outras atividades. Ao ver os colegas construindo alguns alunos ficaram desesperados e tristes por terem esquecido de levar o material solicitado na aula anterior. Expliquei para eles que poderiam trazer o material solicitado em outro momento (uma meia usada e um cilindro de papel higiênico descartado) e em outro dia de aula poderíamos começar os seus projetos. É claro com humor e paciência. Muitos concordaram e começaram a sujar suas mãos, picando papel e colocando no recipiente de formação da massa.

Figura 6- Alunos preparando a massa



Fonte: Acervo Pessoal, 2022

Figura 7- Alunos no processo de moldagem



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Estava tudo dando errado, o papel que eu iniciei neste dia era um papel de folha A4 e não estava funcionando, eu deveria ter levado para a aula o papel higiênico, mas resolvi reutilizar folhas A4 descartadas, o que não deu muito certo. A massa fica com melhor densidade e maleável se feita com papel higiênico, já que ele dissolve melhor o líquido, formando a massa para modelar. Então apesar da boa intenção com a folha de papel A4, é importante frisar que ela tem pouca funcionalidade com este método.

Apesar desse fracasso, todos alunos estavam se empenhando em construir os bonecos. Dividi a atividade em dois espaços. Um era para preparar a massa e misturar a cola com o papel. E outra mesa de concreto ficou para a montagem inicial do boneco. Dessa forma todos puderam participar diretamente e indiretamente. tivemos alguns progressos neste momento.

Terceira Aula: Continuação da moldagem dos bonecos

Me certifiquei de levar o material adequado, ao invés de utilizar folha A4, utilizei o papel higiênico, pudemos assim dar passos mais acelerados no processo, pois a massa de moldagem ficou ótima.

Expliquei como seria e tive várias surpresas. Orientei os alunos e acompanhei cada um na primeira etapa. Encher a meia com terra e colocá-la no cone para iniciar a moldagem.

Os resultados foram ótimos, e percebi novamente como o processo da construção do boneco de Mamulengo pode revelar resultados positivos quando se trata do trabalho em equipe. Os alunos também conseguiam se expressar, conversar e trocar ideias e percepções acerca da produção artística e pessoal.

Na sala de aula os alunos permanecem o maior tempo em silêncio, prestando atenção na atividade e não atrapalhando os colegas. Neste espaço é permitido a conversa paralela, a expressão e observar o outro. A construção vem a partir daí, do contato e a atividade possibilita esse diálogo e essa conversa entre eles, reforça mais o laço social, o trabalho em equipe e cumplicidade vão se tornando os pontos fortes, é provocada uma união entre os pequenos por meio de um processo criativo e participativo.

Figura 8 - Mesa de Moldagem Inicial



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Foi muito interessante essa terceira aula, pois eu pude perceber como a atividade traz e reforça a união do grupo. Acredito que esta oficina pode sim ser levada para ambientes escolares para manutenção das relações sociais dos alunos da escola. Aluno do ensino infantil ou médio. Sinto que por ser um processo demorado os alunos não conseguiriam vivenciar essa experiência na grade comum, pois a oficina tem essa característica de demorada, com processos artesanais longos, onde requer paciência para o artista que cria. É necessário permitir e deixar acontecer,

sem muito controlar os alunos, mas sim, possibilitar e facilitar para que todos desenvolvam um meio de construir as suas ideias.

Continuamos então a moldagem do boneco, neste momento poucos alunos concluíram a primeira parte, onde tínhamos que cobrir a bola de meia com a massa. Depois desse processo vem a moldagem da face.

Figura 9- Moldagem dos detalhes da face do boneco



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Sendo assim, os alunos que estavam perto de concluir foram orientados por mim, a ajudar os outros colegas na construção inicial dos bonecos deles, já que estes tinham dificuldades em realizar o procedimento.

Conseguí vários progressos e pontos positivos no quesito da cooperação. Houve também desespero de alguns alunos para participar das atividades, pois os alunos que tinham frequência baixa se identificavam com a prática e desejavam estar presente no processo. Como havia comentado anteriormente, eles sentem falta de processos artísticos e de vivências como essas. Que tire eles da condição de estar sentados dia a dia na frente do livro.

Quarta Aula: Secagem e detalhes finais da face

Neste dia conseguimos desenvolver mais um pouco das expressões faciais. Aos alunos que haviam adiantado o processo de construção, eu indiquei que usassem a massa agora para criar expressões. Foquei no desenvolvimento de olhos, boca, nariz, orelha e cabelo. Pedindo para que eles criassem formas com a própria massa. Alguns alunos queriam criar cabelos com materiais que encontravam na natureza. Folhas, ou até mesmo materiais que encontrava pelo chão.

Figura 10 - Moldagem Inicial Finalizada



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Figura 11- Moldagem Inicial Finalizada



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Figura 12 - Moldagem inicial finalizada



Fonte: Acervo Pessoal, 2022

Como podemos ver nas imagens acima, alguns alunos avançaram na construção dos bonecos e outros iniciaram a primeira etapa. Pouco a pouco vamos construindo e percebendo os detalhes das criações deles, os bonecos começam a criar as características da face, o nariz, os olhos e a boca. Eu havia sugerido a criação desses detalhes e deixei a criatividade deles desenvolver o restante.

Quinta Aula: Finalização da primeira etapa de moldagem

Neste período considerei o processo adiantado. Tivemos mais uma aula prática da oficina de mamulengos e percebi o avanço. Alguns alunos já moldavam os olhos e as características que haviam pedido antes para eles desenvolverem. Orelhas, olhos e até chapéus começaram a surgir. A criação não parava e ao perceber que os detalhes dos bonecos estavam aumentando vi o avanço deles. Os alunos que tinham dúvidas na construção se inspiravam nos colegas. Pediam ajuda e conversavam. Recolhi todo o material e coloquei para secar, estava tendo problemas para armazenar. Precisava de 15 dias desses bonecos secando ao sol. A próxima etapa seria esvaziar a meia e iniciar a moldagem.

Esta pesquisa foi marcada pelo impedimento que a direção colocou nas aulas fora de sala. Então eu tive que trabalhar em espaço reduzido. Entendi, que o problema se deu por conta do comportamento violento na escola. As crianças estavam se batendo muito e muitos acidentes estavam acontecendo na escola. As minhas aulas na instituição então foram prejudicadas, fiquei proibido de dar aula fora de sala. Tive que trabalhar em espaço reduzido e adaptar a aula. No entanto, o momento mais preocupante que era a moldagem com a massa já havia passado, pude concluir a pesquisa em sala de aula mesmo.

Sexta Aula: Pintura

O que pude desenvolver ao fim deste momento foi a pintura dos bonecos de Mamulengo. A professora Vani Venancio Epaminondas Bertachini, regente da sala do 1º ano contribuiu bastante para o desenvolvimento da reta final desta pesquisa.

Figura 13 - Pintura em Sala de Aula



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Figura 14 - Pintura em sala de aula 2



Fonte: Acervo Pessoal, 2022

O processo de pintura foi muito divertido e rendeu muitos aprendizados. Antes de jogar sobre eles a responsabilidade de pintar os bonecos que eles moldaram, planejei uma aula com a mistura das cores primárias, adquirindo assim as cores secundárias. Uma pequena noção da mistura de cores. Fazendo eles adquirirem habilidades de mistura das cores primárias para chegar às secundárias e às terciárias por meio da prática.

A criatividade foi sem limites. Os que moldaram os olhos na massa conseguiram utilizar as cores e criar a partir daí os detalhes do rosto dos bonecos. Os que não mudaram nada sobre

a face, utilizaram a tinta para animar o boneco e dar a eles os detalhes mais diversos como boca, nariz e cabelo.

Figura 15- Pintura em sala de aula 3



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Figura 16- Pintura em sala de aula 4



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

O tempo para se dedicar a criação do boneco era pouco, a coordenação tinha preocupação com o tempo dos alunos em sala de aula, pois a pandemia afetou bastante o desenvolvimento dos alunos. Isso fez com que as aulas de artes não fossem uma prioridade, a matemática e português eram de urgência, eu não poderia pegar qualquer aula da semana para fazer o trabalho. Isso me atrapalhou bastante, a falta de estrutura e a falta de tempo com os alunos. Tive pouco tempo para finalizar o processo, mas consegui finalizar.

Figura 17- Pintura em sala de aula 5



Fonte: Acervo Pessoal, 2022

Figura 18 - Pintura em sala de aula 6



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Pode-se notar a partir destas etapas o ouvirem dos sons das articulações de um, dois e até mais bonecos que cada aluno constrói – podendo ser uma família de macacos, um personagem alienígena ou um animalzinho de estimação. Como sequência vem à identificação e, a história (texto) daquele que, a partir deste momento, terá uma vida própria, um registro de identificação e uma existência. (ACIOLI, 2010 p. 80)

Depois de algumas aulas realizando a pintura, finalizamos e fomos para a etapa do figurino. Esse eu que tive que construir. Utilizei pedaços de tecidos que iriam ser descartados e fiz várias roupinhas pequenas para os bonecos, eles escolheram essas roupas e com a ajuda de tinta guache eles fizeram os detalhes em suas roupas.

Sétima aula: Apresentações e jogos de improviso

Com todos os prontos conseguimos finalizar as atividades e realizar apresentações em sala de aula no pátio da escola. As apresentações em sala foram um processo repleto de jogos de improvisação, onde com os seus bonecos e histórias os alunos apareciam jogando um com o outro. Realizando a famosa brincadeira de Mamulengo, os alunos falavam o que queriam, provocavam o colega, salvaram amigos e reforçaram a importância de preservar o meio ambiente.

Figura 19 - Apresentação em sala de aula



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Levar oficina que aprendi em Alagoas para outro estado foi fascinante. Concluímos a pesquisa com muita alegria, diversão e conscientização. Mas levando sempre em conta que o resultado não tira o crédito do mais importante, que foi o processo desde o início. Os desafios e os aprendizados que renderam ao fim uma simples apresentação que não fala o quanto se aprendeu durante o processo nos meses anteriores.

Figura 20 - Diretor Castro e a professora Vani na apresentação do pátio



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial da pesquisa era buscar indícios e elementos que reforçassem a eficácia do teatro de Mamulengos como instrumento pedagógico. Com esse objetivo eu pude utilizar o processo lúdico, sem colocar como foco a mostra artística.

O que pude perceber, além da participação intensa e criativa dos alunos, foi a disponibilidade em ajudar. Percebi em campo que com a atividade inicial de moldagem do boneco os alunos costumavam ser mais cooperativos. Contribuir com os colegas e ajudar no contexto geral era um dos focos deles, é claro que reforcei pedidos sobre este comportamento, e obtive uma resposta muito positiva.

O trabalho manual na parte das oficinas pareceu um motivo forte para que todos contribuíssem um com o outro. Em sala de aula às vezes eles estavam agitados e entrando em conflito por objetos, brinquedos e motivos minúsculos. Lá fora parece que tudo mudou. Aí eu percebi que eles precisavam de um pouco de ar e de uma atividade com mais mão na massa.

Percebi a importância do artesanato na área escolar e como pode-se refletir para numa próxima pesquisa sobre o tema, que seja levada em conta a importância deste tipo de atividade em sala específicas e seguras para esse tipo de trabalho.

Ainda no processo de moldagem da oficina notei que todos eles tinham interesse em ajudar, pude concluir que as atividades propostas pelas oficinas são capazes de estreitar os laços. Essa etapa do processo que foca mais no trabalho manual tem seu diferencial quando comparado ao processo criativo num todo. Pois a possibilidade de criar o próprio brinquedo deixou os alunos fascinados, então a forma de construir do objeto a ser animado foi muito significável para eles, indicavam uma participação do autor e a criação individualizada, embora o processo fosse algo coletivo.

Houve momentos em que eles conversavam bastante sobre suas vidas, contavam histórias engraçadas e de assustar enquanto com suas mãozinhas tratavam a massa artesanal para moldagem dos bonecos.

Não precisei sugerir muito na parte criativa, pois eles sabiam o que fazer, como fazer, sem necessariamente precisarem de ideias. Queriam apenas criar e se divertir, em poucos momentos tive que chamar atenção deles, as atividades da oficina de bonecos promovia um processo de concentração artística intensa e de produção muito rica, as horas se passavam e não percebemos. A abordagem multirreferencial opera nestes ambientes.

As limitações no geral foram físicas, o espaço não contribuiu para o desenvolver das práticas, mesmo assim tive que continuar com o que tinha em mãos.

Tive que cancelar alguns encontros com os alunos, pois como afirmado anteriormente, o foco da aprendizagem na escola estava na matemática e português. Disciplinas mais cobradas nas provas avaliativas bimestrais que acontecem no decorrer do ano. E isso me fez refletir sobre a questão da importância dos espaços na escola. Sofre-se muito com a falta de estrutura, de todas as linguagens de conhecimento cobradas pela BNCC (Base Nacional Curricular Comum).

A tal adaptação do conteúdo que é feita com base no currículo paulista²², dá aos professores, instruções de aulas que necessitam de espaços específicos dentro da escola. Falta estrutura básica, esse problema limita as extensões das linguagens dentro da área escolar. Falta de sala é um ponto, espaços superlotados em terrenos gigantes, não é de hoje que o desmonte na educação acontece.

Apesar de tantos pontos que vão de contra a pesquisa fluiu, os alunos motivam toda a pesquisa, pois eles se envolvem e dão até soluções para o ambiente escolar, eles conhecem a escola deles, mas eles não conseguem cobrar os direitos, e se isso não acontece, quem cobra os direitos desses pequenos? A pesquisa me trouxe mais dúvidas do que respostas em alguns momentos.

No entanto, não posso permanecer no ponto que aborda o desmonte da educação, pois não foi o foco da pesquisa, e é um assunto complexo.

Segui com o que tinha em mãos e acredito que a pesquisa poderia ter sido mais envolvida com a comunidade, em outros momentos creio que seja interesse envolver a comunidade, em praças, campos de futebol e organizar meios de apresentações públicas dessas montagens ou realização das oficinas.

Acredito que para pesquisadores futuras, seja interessante focar também na produção de bonecos com material reciclável, acredito que esse foi um ponto que não cheguei a explorar tanto. A utilização de garrafas pet, por exemplo. Existem métodos de criação de bonecos com garrafas e outros materiais que estão presentes no cotidiano de todos. Foquei no processo com o “machê” caseiro, pois ele possibilita a moldagem mais livre para dar contornos na face do

²² Currículo Paulista é uma proposta curricular voltada para a rede estadual de ensino de São Paulo. O Currículo Paulista define e explicita, a todos os profissionais da educação que atuam no Estado, as competências e as habilidades essenciais para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes paulistas e considera sempre sua formação integral na perspectiva do desenvolvimento humano. Disponível em <http://www.educacao.sp.gov.br/coped/ensino-na-rede/novo-curriculopaulista/#:~:text=O%20Curr%C3%ADculo%20Paulista%20define%20e,na%20perspectiva%20do%20desenvolvimento%20humano>. Acessado em 27/05/2022.

brinquedo, desta forma, tentei observar até onde iria a criatividade de cada um podendo criar da maneira como quisesse.

Houve ressalvas e ideias dos alunos contra o meu método. Apesar de pequenos, eles tinham questões bem amplas, sugeriram formas diferentes e complexas que eu tive que experimentar com eles. Alguns por exemplo paravam na meia e queriam que o boneco fosse apenas a meia com a areia dentro, e daí já começava a brincadeira, articulado com as mãos a cabeça da personagem e animando os colegas.

Percebi a importância da fala de cada um, pois a ideia unitária deles reflete os gostos e impulsos criativos no processo. Parar e ouvir os que menos falavam na sala era um prazer imenso, era momento de fazer silêncio e trabalhar mais a escuta. A dialética entre os alunos nesse tipo de processo é frequente, e é espaço para isso, como eu falei, onde os menos falantes conseguem se abrir, pois eles se pegam em um ambiente que se pode expressar mais livremente, sem medo de errar. Este é um ambiente muito importante, que quando criado deve ser utilizado para desenvolver as habilidades socioemocionais das crianças.

No geral, a pesquisa aponta e reforça com muitos pontos positivos, a importância do teatro de animação na educação e nos explica como a forma de artesanato deixa a criatividade fluir quando utilizada com processos como a bricolagem e abordagem multirreferencial. Sem imposições ou regras que limitem o criativo, como Acioli afirma em seu trabalho, o olhar multirreferencial e a abertura a possibilidades criativas em trabalhos como esse, aumentam as opções de realizar trabalhos de desenvolvimento cognitivo e social.

Em períodos como esse que vivemos, em 2023 é necessária uma educação que faça dos alunos protagonistas e criadores. Façam deles pessoas que aceitem o diferente e que se sintam no direito de comunicar e de trabalhar de modo em equipe na realização das atividades em sala de aula, com aceitação e cumplicidade.

Atravessar a pandemia não foi fácil, mas mostrou o comprometimento que os profissionais de saúde têm com a sociedade, e sabemos que a educação pública cumpre um papel tão importante para sociedade. É preciso melhorar o ambiente escolar para criar os profissionais do futuro. Sem o incentivo da educação não existe saúde de qualidade. São esses pequenos que precisam de atenção para moldar o futuro. E eles querem aprender, seja arte, matemática, português, história, educação física e tudo que a escola pode oferecer. Mas é necessária a atenção aos espaços de formação dos alunos neste período. É uma geração que conheceu e conviveu com a escola dentro do ambiente digital, não apenas com intuito de refletir sobre os aspectos da tecnologia, mas foi um momento que a morte assolou milhares de pessoas no mundo e eles foram testemunhas.

Marcados por uma pandemia mundial, muitos deles perderam parentes. São mentes inquietas, querem fazer algo, querem ajudar. Seria incrível se não fosse trágico, mas é necessário abrir os olhos para preparar eles e novas gerações para o que as comunidades do futuro vão enfrentar, e só essa resposta foi que eu pude obter.

Nos momentos mais difíceis da pandemia em que eu estava ministrando a oficina, eu dizia que a pandemia iria acabar. Eu precisava motivá-los, acreditava em uma cura, e motivava os estudantes a continuar, por meio do brincar e dos métodos de ensino ligados à arte, a gente pode motivar e fazê-los acreditar em um mundo melhor. Talvez seja assim, como as crianças, ressignificando as coisas em um mundo mágico, podemos construir a mudança respeitando, gerando inclusão e a participação mútua para fazer acontecer projetos pra um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

ALCURE, ADRIANA SCHNEIDER. RIR DE SI: comicidade, política e a noção de “brincadeira”. **MORINGA - Artes do Espetáculo**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2177-8841.2019v10n2.49855. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/49855>. Acesso em: 22 maio. 2023.

AZEVEDO, Débora. **Nas redes dos donos da brincadeira: um estudo do Mamulengo da Zona da Mata pernambucana**. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

BENATTI, Barbara Duarte. **Mulheres no Mamulengo, resignificando o preconceito**. [2020]. Artigo. UFG. Disponível em: [<https://revistas.ufg.br/artce/article/view/62195>]. Acesso em: [25/02/2023].

BORBA FILHO, Hermilo. **Fisionomia e espírito do mamulengo: o teatro popular do Nordeste**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Edusp, 1966. (Brasiliana, v.332)

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BROCHADO, I. **Teatro de Bonecos Popular do Nordeste: história e histórias**. Móin-Móin - Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas, Florianópolis, v. 1, n. 13, p. 028-055, 2018. DOI: 10.5965/2595034701132015028. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701132015028>. Acesso em: 21 abr. 2023.

CRUCIANI, Fabrizio; Falletti, Célia. **Teatro de rua**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999..

GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. São Paulo: Papyrus, 1990.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

JÚLIO, L. M. **O mamulengo na cultura de massas e na cultura popular brasileira.** REVISTA POIÉISIS, v. 11, n. 16, p. 110-117, 31 dez. 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem.** Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1989.

Mamulengo: Revista da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos - ABTB / Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, Centro UNIMA Brasil - CUB.- Florianópolis. Ano 48, n. 20, agosto 2022

Mamulengo: Revista da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos - ABTB / Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, Centro UNIMA Brasil, Florianópolis, Ano 48, n. 19, dezembro de 2021.

MEDEIROS, Alexandre. **A história e a física do fantasma de Pepper.** Caderno Brasileiro de Ensino de Física, Florianópolis, v. 23, n. 3: p. 329-344, dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/5811>>

REVERBEL, Olga. **Jogos Teatrais na Escola: atividades Globais de Expressão.** Editora Scipione. 3º ed. São Paulo. 1996

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo Paulista,** SEDUC/Undime SP. São Paulo: SEDUC/SP, 2022.

TELLES, Narciso; CARNEIRO, Ana. **Teatro de Rua: olhares e perspectivas.** Rio de Janeiro: E-Papers, 2005

Lista de Figuras

Figura 1 - Visão interna.....	28
Figura 2 - Imagem Externa.....	29
Figura 3- Espaço aberto para realização de atividades	29
Figura 4 - Mistura da Água fervente com Farinha de Mandioca.....	32
Figura 5- Moldagem inicial com papel A4	33
Figura 6- Alunos preparando a massa.....	33
Figura 7- Alunos no processo de moldagem	34
Figura 8 - Mesa de Moldagem Inicial.....	35
Figura 9- Moldagem dos detalhes da face do boneco.....	36
Figura 10 - Moldagem Inicial Finalizada.....	37
Figura 11- Moldagem Inicial Finalizada.....	38
Figura 12 - Moldagem inicial finalizada	38
Figura 13 - Pintura em Sala de Aula	40
Figura 14 - Pintura em sala de aula 2.....	40
Figura 15- Pintura em sala de aula 3.....	41
Figura 16- Pintura em sala de aula 4.....	41
Figura 17- Pintura em sala de aula 5.....	42
Figura 18 - Pintura em sala de aula 6.....	42
Figura 19 - Apresentação em sala de aula.....	44
Figura 20 - Diretor Castro e a professora Vani na apresentação do pátio.....	45

ANEXO I – Receita da massa de papel “machê” caseiro

Materiais necessários:

1l de Água
500 g Farinha de mandioca
100g Cola branca escolar
Recipientes
3 rolos de Papel higiênico

Instruções:

- Prepare o local de trabalho, colocando uma superfície protetora para evitar bagunça e sujeira.
- Encha um recipiente com água suficiente para a mistura.
- Adicione farinha de mandioca na água aos poucos, mexendo continuamente para evitar a formação de grumos. Continue adicionando farinha até obter uma consistência semelhante a um mingau.
- Coloque o recipiente em fogo baixo e cozinhe a mistura, mexendo constantemente, até que ela engrosse e se torne uma pasta espessa. Retire do fogo e deixe esfriar.
- Enquanto a mistura de farinha de mandioca esfria, dilua um pouco de cola branca escolar em água, criando uma solução com consistência de creme.
- Rasgue o papel higiênico em pedaços pequenos ou médios.
- Agora misture o papel a solução e com as mãos misture até ganhar virar massa moldável.